



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA- PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA PEDAGOGIA

PRISCILA MARTINS LOUREIRO

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA: da infância à docência

MUANÁ
2019

PRISCILA MARTINS LOUREIRO

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA: da infância à docência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. MSc. Lídia Sarges Lobato

MUANÁ
2019

PRISCILA MARTINS LOUREIRO

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA: da infância à docência

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Prof.^a Lídia Sarges Lobato, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção de grau em Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 10/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. MSc. Lídia Sarges Lobato
Orientadora – UFPA

Profa. MSc. Juliana Azevedo Hamoy
Examinadora – UFPA

Profa. Esp. Angélica Ferreira da Silva
Examinadora – UFPA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pela força e sabedoria para vencer mais essa etapa de minha vida. À minha família e a todos que contribuíram para realização desse projeto e àqueles que acreditam em uma educação de qualidade, fundamentada no compromisso, amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo amor, sabedoria e discernimento com que me conduziu durante esses quatro anos de curso.

Aos meus familiares, pelo apoio a mim dedicado durante esta trajetória acadêmica.

A meu esposo que foi um grande parceiro e que me entendeu e me deu forças para continuar.

Agradeço ao meu amado filho, que apesar de ser uma criança entendia minhas ausências nos períodos em que estava estudando.

Ao professor Ediraldo Pimenta que fez minha inscrição na Plataforma do PARFOR.

A todas as funcionárias do Pólo da UAB (Universidade Aberta do Brasil) por todo o prestígio, carinho e atenção com qual nos tratavam nos períodos do curso.

A todos os professores formadores do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, pela formação e transformação em minha vida pessoal e profissional.

Em especial agradeço a professora orientadora Lídia Sarges Lobato, pelas importantes orientações para elaboração deste trabalho.

Às minhas amigas do curso de Pedagogia, Camila, Eliene, Hérica e Laiana que foram grandes companheiras desde o início do curso, pela troca de conhecimentos e pela amizade construída que só se fortaleceu ao longo dessa trajetória.

RESUMO

Este trabalho é um memorial, que trata das memórias e história de vida de uma professora, tecida pelas dificuldades, superações em um tempo passado e presente. O objetivo traçado entre as narrativas foi de atribuir sentido aos eventos e experiências de vida, buscando interpretar as práticas que contribuíram com a formação. Esta investigação tomou a história de vida como possibilidade metodológica, acompanhada da entrevista semiestruturada. Os referenciais teóricos foram Nóvoa (1989) (2017), Bragança (2012), Louro (1997), Candau Candau (2012), dentre outros. A escrita possibilitou-me documentar de forma descritiva e reflexiva as memórias e fatos que fizeram sentido em minha vida, uma espécie de seleção das experiências e acontecimentos que marcaram a minha história de vida, constituindo-me como professora. Este movimento de leitura, escrita e pesquisa tornou-se um desafio gratificante, pois precisei rememorar meu passado trazendo à tona acontecimentos que estavam guardados em minha memória na zona do esquecimento. Enfim, revivi fragmentos das memórias da minha infância, do processo de escolarização e da docência, sorrir, me emocionei, e hoje tenho a convicção que estou na profissão certa.

Palavras-chave: Memória. História de vida. Processo de escolarização. Formação docente.

ABSTRACT

This work is a memorial, dealing with the memories and life history of a teacher, woven by difficulties, overcoming in a past and present time. The objective outlined between the narratives was to give meaning to events and life experiences, seeking to interpret the practices that contributed to the formation. This investigation took life history as a methodological possibility, accompanied by the semi-structure interview. The theoretical references were Nóvoa (1989) (2017), Bragança (2012), Louro (1997), Candau Candau (2012), among others. Writing allowed me to document descriptively and reflexively the memories and facts that made sense in my life, a sort of selection of experiences and events that marked my life story, constituting me as a teacher. This movement of reading, writing and research became a rewarding challenge, as I had to remember my past by bringing up events that were stored in my memory in the forgetfulness zone. Finally, I relived fragments of memories of my childhood, the process of schooling and teaching, smiling, I was moved, and today I have the conviction that I am in the right profession.

Key Word: Memory. Life's history. Schooling process. Teacher training.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01: Professora como profissão	20
Figura 02: Uma paixão, jogar bola	22
Figura 03: Escola Flor Hortência	29
Figura 04: Classes Multisseriadas	30
Figura 05: Atividades de Educação Física na praia	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CAMINHOS TRILHADOS PELA HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA	14
.	
2.1 História de vida	14
2.2 Histórias de vidas emaranhadas pelas memórias de um tempo passado/presente	17
2.3 Memória e formação docente	19
3 EXERCÍCIO DA MEMÓRIA: EVENTOS E ACONTECIMENTOS	21
3.1 Infância e processo de escolarização	22
3.1.1 O Ensino Fundamental I	25
3.1.2 O Ensino Fundamental II	26
3.1.3 O Ensino Médio	27
4 TORNAR-SE PROFESSORA: AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS	29
4.1 Acesso à universidade	32
5 CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Memórias e história de vida de uma professora: da infância à docência vem narrar a história de vida de uma professora, tecida por uma trama de dificuldades, superações, experiências vivenciadas no tempo passado e presente. Tendo como objetivo, atribuir sentido aos eventos e experiências de vida, buscando interpretar as práticas que contribuíram para a formação docente.

Narrar a história de minha vida é muito significativo. Através da narrativa de um memorial, poderei fazer um balanço de parte daquilo que já vivenciei, uma possibilidade de olhar para minhas práticas pedagógicas, no processo de ensinar. Com a oportunidade de fazer um balanço do antes e depois de ingressar ao curso de pedagogia, as experiências, os eventos, os conhecimentos que aprendi, todas as teorias estudadas, as contribuições nas minhas práticas em sala de aula, além de poder estar compartilhando as narrativas como professora, minhas memórias.

Para Severino (1997) o memorial se constitui em uma autobiografia, configurando-se assim à uma narrativa histórica e reflexiva, composta muitas vezes no formato de relato histórico, analítico, crítico, com o intuito de dar conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória de vida, acadêmico-profissional do autor. No entanto, “deve dar conta também de uma avaliação de cada etapa, expressando o que cada momento significou as contribuições ou perdas que representou”, Severino (1997, p. 1).

Ao narrar a história de vida somos motivados ao ato de rememorar, conversar com outras pessoas sobre momentos que foram marcantes, com reflexões que revelam as aprendizagens constatadas ou não, indicando os fatos que favoreceram e que incentivaram na busca de novas e constantes conquistas em relação à construção do conhecimento.

Segundo Severino (1997, p. 1) o:

Memorial é uma retomada articulada e intencionalizada dos dados Curriculum Vitae do estudioso, no qual sua trajetória acadêmico-profissional fora montada e documentada, com base em informações objetiva e laconicamente elencadas. É claro que tal registro é também muito importante e suficiente para muitas finalidades de sua vida profissional. Mas o Memorial é muito mais relevante quando se trata de ter uma percepção mais qualitativa do significado dessa vida, não só por terceiros, responsáveis por alguma avaliação e escolha, mas, sobretudo pelo próprio autor. Com efeito o Memorial tem uma finalidade intrínseca que é a de inserir o projeto de trabalho que o motivou no projeto pessoal mais amplo do estudioso.

O referente Memorial é comparado a um espelho, que reflete a realidade, os inúmeros desafios e dificuldades que muitos de nós professores enfrentamos na busca por uma formação

profissional, e que apesar dos obstáculos que confrontamos no decorrer da caminhada pelo sucesso profissional, não podemos desistir de lutar por nossos sonhos. No embalo do memorial faço a tentativa por meio da memória e das história de vida, responder a problemática: Quais os eventos e acontecimentos marcaram a infância de uma professora, contribuindo para sua formação docente?

Com intuito de alcançar o objetivo do memorial, foram estabelecidos dois objetivos específicos: 1) Refletir sobre a história de vida, memória e formação docente; 2) Exercitar a memória tendo em vista os eventos e acontecimentos que constituíram como professora, observando como a história de vida pode contribuir para a formação docente.

Como método de pesquisa abordei a história de vida, onde precisei rememorar os fatos que marcaram minha vida, recordando, reconstruindo e ressignificando imagens, ideias, sons, fatos e experiências passadas, com ideias e pensamentos de hoje, do agora. Estabelecendo um balanço de como os fatos do passado influenciaram e continuam influenciando no presente, inclusive na base educacional.

O trabalho com a história de vida vem compor um cenário de formação, instituindo movimentos de idas e voltas ao passado, em um tempo conflituoso. “As questões e a problemática anteriormente anunciadas levaram-nos a uma investigação que tomou as histórias de vida não só como possibilidade metodológica, mas como caminho para repensar a formação de professores [...]” (Bragança, 2012, p. 34).

Entre as ferramentas metodológicas foram articuladas a revisão de literatura e as entrevistas semiestruturadas, estabelecendo uma relação com os entrevistados, dentre eles: Antônio (minha irmã) e Lecí (minha mãe), todas ajudaram na realização das entrevistas biográficas. Nesse sentido, “as histórias de vida não se reduzem a um método, mas questionam as ciências humanas em sua fundamentação epistemológica” (Pineau e Le Grand, 1993, p. 37, apud Bragança, 2012, p. 38).

Posso dizer que a metodologia utilizada na escrita da história de vida oferece um potencial de transformação do próprio sujeito que dela participa. Dessa forma, é um instrumento que, por suas próprias características, leva o autor à auto reflexão, a reconfiguração de sentidos e a aprendizagem, pois quando alguém escreve um memorial acredito que seja impossível que o mesmo permaneça impassível à presença das próprias lembranças, sem sentir desejo de dialogar com elas.

Confesso, que sempre tive vontade de escrever um memorial, um desejo motivado em uma determinada disciplina, onde o professor explicou sobre como era o processo da escrita de um memorial aumentando ainda mais a vontade de escrever sobre a minha história de vida,

pois revisitar o passado, é algo que me encanta. Com a escrita deste memorial, pode-se dizer, que fiz uma tentativa de atribuir sentido a meu passado relacionando com o presente, reavaliei formas de pensar e tracei novos caminhos de acordo com acontecimentos que ocorreram no passado.

Contudo, com as explicações do professor naquele contexto, pensei que o memorial era somente descrever toda a trajetória de vida, mas com o decorrer da produção pude aprender que não é só isso e se não tivesse uma boa orientação por parte da orientadora não teria compreendido o que é realmente a escrita de um memorial, compreendi que falar de mim mesma e de minhas experiências, significava expor-me a situações para as quais poderia não estar preparada.

Uma das dificuldades encontradas para escrever foi de produzir textos que representasse o registro de minhas experiências e práticas, tendo que fazer reflexão com pensamentos de autores que tratavam de temas como história de vida e memória, e também lembrar momentos que causaram sofrimento, isso não foi nada fácil.

Através desses escritos, gostaria de ressaltar que todos os acontecimentos que ocorrem em nossa vida, devem ser enfrentados da melhor maneira possível, e que apesar daqueles eventos negativos seguidos de traumas, precisamos ser fortes, resistentes, para transformarmos em formas de incentivos, na busca por uma vida melhor. Precisamos ser persistentes, transformando cada obstáculo em uma nova oportunidade de alcançar o que se deseja.

Penso que a escrita desse memorial não servirá somente como critério de avaliação para conclusão de curso e sim como uma forma de retomada de consciência e análise de tudo que já passei para chegar até aqui, observando os fatos e experiências que me transformaram na pessoa que sou, além disso, irei compartilhar também com quem estiver lendo este memorial situações que todo estudante de licenciatura anseia e ao mesmo tempo teme, além de momentos importantes na vida de uma professora.

Os caminhos trilhados e as dificuldades superadas no fluxo da vida, proporcionam assim uma melhor compreensão para quem busca saber como um profissional da educação pode se constituir por meio de suas experiências de vida, saliento que as vivências, por mais que tenham momentos de dificuldades sempre busquei vivenciá-los com otimismo, acreditando que era possível.

Dessa forma, aquele que se aventurar pelas história de vida de uma professora, saberá um pouco mais sobre a trajetória escolar, profissional e das dificuldades enfrentadas para chegar ao final da graduação. Nesse memorial faço a tentativa de relacionar as teorias estudadas com as práticas que já vivenciei em cada fase da minha vida, narrando a infância, os momentos que

ficaram marcados, os primeiros anos na escola, a vida profissional e como se deu o processo de formação acadêmica, lembrando que a memória não é linear, o passado e o presente estarão sempre emaranhados.

2 CAMINHOS TRILHADOS PELA HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

Contar, narrar as histórias significa aventurar-se pelas memórias, pelas lembranças, pelos hábitos e costumes, possibilitando que as histórias de uma jovem professora seja transmitidos às novas gerações, nas culturas, nas sociedades.

Priscila Loureiro é meu nome, sou a terceira filha de um total de quatro filhos, sendo três mulheres e um homem, meu pai se chama Orlando Drago Loureiro e minha mãe Lecí Lima Martins. Meu pai trabalhava com pinturas de casas e barcos, minha mãe era auxiliar de serviços gerais em uma escola municipal chamada Cesar Castro, ambos hoje estão aposentados. Nascida em 25 de novembro do ano de 1991, na antiga casa de meus pais que ficava as margens do Rio Inamarú, morei até os meus 18 anos de idade, porém quando comecei a trabalhar tive que ir morar em outra localidade, mas meus pais ainda residem nesse mesmo local (Loureiro, abril de 2019).

Prado e Soligo (2019) afirmam que ao narrar nossas histórias, visitamos o passado, na tentativa de buscar o presente. O passado é o lugar onde as histórias se manifestam, trazendo à tona os fios, feixes que ficaram talvez esquecidos no tempo. Ainda com os autores, (2004, p. 5) “o que buscamos nesse momento, não é somente trazer informações sobre nossa história, mas sim estimular em todos que delas se sentem integrante, personagens, o despertar de outras histórias para que reproduzam outros sentidos, outras relações, outros nexos”. Por meio da narrativa podemos relatar e fazer uma análise da vida dos professores, evidenciando suas dificuldades, conquistas e avanços profissionais.

A relação entre história e memória tem papel central no estudo das representações que a história oral proporciona, permite ao pesquisador a descoberta de acontecimentos, mentalidades e experiências que não podem ser encontrados em outros documentos escritos. Além disso, reitera Le Goff (1990), as entrevistas são transformadas em fontes, e, pela análise do historiador, as fontes em monumentos, existindo “a urgência de elaborar uma nova erudição capaz de transferir este monumento do campo da memória para o da ciência histórica” (LE GOFF, 1990, p.498).

2.1 História de vida ...

Ao longo da humanidade, a história assumiu grande relevância nas vidas dos seres humanos, desde os tempos da história oralizada, ao surgimento da escrita, eternizando fatos históricos, acontecimentos de um povo, de um país, do mundo.

Com a história de vida o passado pode ser lembrado e analisado, uma vez que irá trazer à tona os momentos mais marcantes na vida de um indivíduo, bem como àqueles que de certa forma foram momentos negativos, mas tem sua importância.

Para Le Goff (1990, p. 9) um historiador francês,

[...] ciência histórica se define em relação a uma realidade que não é nem construída nem observada como na matemática, nas ciências da natureza e nas ciências da vida, mas sobre a qual se "indaga", se "testemunha". Tal é o significado do termo grego e da sua raiz indo europeia *wid-*, *weid-* "ver". Assim, à história começou como um *relato*, a narração daquele que pode dizer "Eu vi, senti". Este aspecto da história-relato, da história - testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica. Paradoxalmente, hoje se assiste à crítica deste tipo de história pela vontade de colocar a explicação no lugar da narração, mas também, ao mesmo tempo, presencia-se o renascimento da história-testemunho através do "retorno do evento" [...].

Seguindo o pensamento do autor, a ciência histórica se difere das demais ciências. É uma ciência que indaga, que testemunha a história de vida daquele que viveu, como bem coloca o autor "eu vi, senti", ou seja, com todas as suas emoções, gestos, frustrações, com a sua vivacidade que a vida possui, noutras palavras é um retorno ao passado.

Le Goff (1990) recorre a Paul Veyne para dizer que a história é uma série de acontecimentos, quer a narração destes acontecimentos. "Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na "realidade histórica" ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula" (p. 18). Narrar é relatar uma história ou fatos, vistos, ouvidos, lidos ou imaginados, essas narrações envolverão personagens e acontecimentos que ocorreram em um determinado lugar e época.

A história, propriamente dita nasce de uma necessidade de se preservar grandes feitos. As histórias que narram fatos que ocorreram no passado ajudam na preservação para que fatos importantes não se percam e sejam esquecidos no tempo. Os grandes feitos, ou grandes acontecimentos precisam ser enredados numa narrativa para que se perpetuem e sejam apreciados pelas gerações futuras e a história é o instrumento utilizado para que essa perpetuação seja realizada.

Le Goff (1990, p. 11) diz que;

Ao fazer a história de suas cidades, povos, impérios, os historiadores da Antiguidade pensavam fazer a história da humanidade. Os historiadores cristãos, os historiadores do Renascimento e do Iluminismo (não obstante reconhecessem a diversidade dos "costumes") pensavam estar fazendo a história do homem. Os historiadores modernos observam que a história é a ciência da evolução das sociedades humanas. Mas a evolução das ciências levou a pôr-se o problema de saber se não poderia existir uma história diferente daquela do homem. Já se desenvolveu uma história do clima;

contudo, ela apresenta um certo interesse para a história só na medida em que esclarece certos fenômenos da história das sociedades humanas (modificação das culturas, do habitat, etc.). Agora se pensa numa *história da natureza* (Romano), mas ela reforçará sem dúvida o caráter "cultural" – portanto, histórico – da noção de natureza. Assim, através das ampliações do seu âmbito, a história se torna sempre coextensiva em relação ao homem.

Lendo sobre a importância do ato de contar história, percebo que, desde a antiguidade, sempre houve uma preocupação com relação à importância da narrativa para a preservação histórica, as culturas primitivas tentavam explicar a realidade e dar sentido às experiências que herdavam de seus antepassados através da narrativa oral, ou seja, por meio de histórias que se contam de geração para geração, em festas ou rituais, sem necessidade da leitura.

As narrativas mitológicas, que tiveram a importância de sugerir explicações satisfatórias para os povos primitivos e antigos, como por exemplo do porquê, que certos fenômenos aconteciam na natureza desenvolviam-se exatamente desta forma, por meio da oralidade.

Relembrar a própria história ajuda no autoconhecimento, facilitando o entendimento de interações entre a identidade pessoal e profissional, como os acontecimentos no decorrer da vida podem influenciar na construção da identidade profissional, ampliando assim, a visão de mundo do autor do memorial, ajudando-o o processo de auto compreensão.

Bragança (2012) salienta que o caminho da pesquisa-formação e das histórias de vida encontra-se no sentido da partilha dos conhecimentos, do autoconhecimento, na própria construção entre aquele que conta suas histórias por meio da memória, colocando-se como aprendentes e também daqueles que se permitam ouvi-las.

Com relação a formação dos professores Bragança (2012, p.74) continua dizendo que:

No contexto da formação de professores, a abordagem das histórias de vida se coloca também no movimento de mudança paradigmática; um novo olhar sobre o/a professor/a e sua prática vai sendo tecido, indicando mudanças no campo da formação, da investigação e das práticas.

A noção de memorial que tinha em minha mente era muito básica, pensava que a tarefa seria somente narrar minha história de vida e fatos que ocorreram, mas no decorrer do processo de construção, pude perceber que narrar a própria história ajuda na auto formação, uma vez que a história de vida faz emergir a reflexão e a valorização, sobre nossa própria história, recriamos o passado por meio das voltas as origens e usamos isso para criar novas perspectivas para o futuro.

2.2 Histórias de vidas emaranhadas pelas memórias de um tempo passado/presente

Aproveitei a minha infância junto com minhas irmãs, meu irmão e meus primos que moravam ao lado da minha casa, lembro-me que com cinco anos aprendi nadar e assim minha mãe já deixava tomar banho no rio com os meus amigos, sem a companhia dela que tinha muito medo que eu me afogasse (Loureiro, abril de 2019).

As retomadas de uma memória tornam-se importantes para que possamos fazer a relação entre o passado e o presente e com isso podermos analisar as possíveis mudanças que ocorreram e se essas mudanças foram de caráter positivo ou negativo, e daí usá-las para nos tornarmos pessoas melhores e com participação ativa e positiva na sociedade.

Ao rememorar houve momentos de alegria e dor, de risos e soluços, de lembranças que podem e devem ser registradas; de lembranças que somente relembrei, onde escolhi e selecionei minhas memórias e o que seria descrito neste memorial, haja vista que a memória é seletiva e muitas delas ficam no esquecimento.

Nessa direção, Pollak (1989, p. 8 apud Bragança 2012, p. 100):

fala da memória como esquecimento e silêncio, advertindo sobre a presença e a função do “não dito” nos relatos orais. Em pesquisas realizadas com pessoas marcadas pela dor e pelo sofrimento, o autor percebe a criação de zonas de sombras e silêncios, lembranças proibidas, indizíveis, que são bloqueadas. Observamos, desse modo, que a memória se configura numa dialética que conjuga lembrança e esquecimento.

Muitas vezes nossas lembranças nos causam dor e sofrimento, com isso tentamos sempre guardar os momentos felizes, mas infelizmente um fato que causou dor é capaz de embaralhar nossas memórias e apagar momentos felizes de nossa história, causando assim traumas para o resto de nossas vidas, fazendo parte de nossas identidades. Todavia, as identidades são flutuantes, não são fixas, no decorrer de nossa vida passamos por diversas transformações, por exemplo, sou mulher, mãe, professora, mas o amanhã não nos pertence, podem surgir identidades outras.

Neste sentido, Josso (2007) direciona nosso olhar para as transformações pelas quais passamos, que podem resultar em uma emergência interior ou ter sido provocadas pelo ambiente que convivemos. O ser-sujeito é levado, muitas vezes, em consequência, a gerenciar essa coexistência de lógicas de evolução e a viver, dessa maneira, em uma tensão mais ou menos forte entre as identidades para si mesmo e as identidades para os outros, pela forma como o outro nos identifica, nos encaixam a determinado grupo.

O homem é um ser em mosaico, sustenta Georges Chapouthier (2001), no sentido de que somos constituídos de uma multitude de elementos adquiridos ao longo de nossa história evolutiva que, apesar de uma justaposição e depois uma integração complexas, conservam certa autonomia. Esses elementos são moléculas, gens, células, órgãos que cooperam no funcionamento de um “todo” (o organismo), sempre conservando, como as tesselas de um mosaico, uma forma de individualidade. Essa metáfora da “mosaicidade” pode, sem dificuldade, ser aplicada a nosso cérebro [...] (CANDAUI, 2012, p. 845-846).

Memória é uma das capacidades que o nosso cérebro tem de guardar e lembrar os acontecimentos que ocorreram no decorrer de nossa vida, quando fazemos uma busca ao nosso passado, logo pensamos em nossas lembranças, sejam essas boas ou ruins. Por meio da memória podemos fazer reflexões sobre o nosso passado, presente e futuro, mas há quem queira esquecer suas memórias, pois podem ser lembranças que causaram sofrimentos e dor, porém há também quem lembre com muita saudade e alegria e que usam suas lembranças como formas de incentivo para alcançar objetivos da vida.

Todos sabemos o que vivemos, logicamente os fatos que para nós foram mais importantes ou intensos estão em nossa memória, mas quando paramos para olhar mais de perto e tiramos um tempo para avaliar nossa história e tudo o que já vivemos podemos criar e buscar trilhar novos caminhos para um resultado melhor e mais positivo.

Quando contamos nossa própria história é possível analisar alguns momentos, traumas ou situações difíceis que eventualmente tenhamos vivido isso não quer dizer que vamos voltar no tempo e viver o passado de novo ou ficar remoendo alguma dor, mas sim de podermos analisar com calma e cautela nossos erros e acertos, fazendo alguns possíveis ajustes na forma de lidar com a própria vida.

Para Bragança (2012, p.100) “no movimento da memória, olhamos o passado e encontramos faíscas, lampejos, fragmentos que se articulam e compõem o sentido de nossa trajetória de vida, de determinadas etapas ou acontecimentos”. Contudo, ao contarmos nossa história de vida, os eventos e acontecimentos, a memória acaba sendo seletiva como uma espécie de filtro. “Podemos, então, falar da *memória-fragmento*, pois o que encontramos são pistas que se articulam numa, sempre plural, construção de sentidos” (p. 100).

Entendo que desde os momentos mais marcantes até aos acontecimentos do cotidiano, tudo o que acontece em nossas vidas fica armazenado em nosso cérebro, são essas lembranças que nos ajudam a entender e definir nosso lugar no mundo. A memória nos permite que possamos dar sentido ao estar no mundo e entender nosso papel na sociedade e o que já realizamos, nem tudo é lembrado, pois existe uma seletividade das experiências que queremos recordar. De acordo com Candau (2012, p.857):

A memória é seletiva, no sentido de que retemos mais facilmente certas informações do que outras, [...] elas são mais facilmente transmitidas, memorizadas, compartilhadas e depois estabilizadas no interior de um grupo de indivíduos. Elas parecem dever essa propriedade ao fato de entrar em ressonância com estruturas inatas do espírito-cérebro.

A memória é importante para a formação docente, a trajetória de vida e o acúmulo de experiências que envolvem os aspectos de convivência familiar, social, cultural, psicológico e afetivos e os percursos e trajetórias que ficam guardados na memória, ajudam na construção da identidade docente.

2.3 Memória e formação docente

Cada pessoa tem sua história proveniente de suas heranças culturais que serão determinantes na individualidade de cada um. Penso, que uma pessoa sem memória não tem identidade, pois se a mesma não consegue lembrar-se da sua história de vida, ela não é nada, uma vez que conforme o que presenciei na literatura, a nossa memória é determinante para a formação da nossa personalidade e como agiremos em sociedade.

As experiências guardadas em nossa memória com o tempo podem ajudar no desenvolvimento da formação docente. Rememorar e escrever um memorial de formação permite estabelecer relações interpessoais e fazer uma auto avaliação, assim como refletir sobre dúvidas dos saberes e práticas do cotidiano e o exercício da profissão, refletindo assim na sua capacidade profissional, saberes e práticas.

Tornar-se professor é transformar uma predisposição numa *disposição pessoal*. Precisamos de espaços e de tempos que permitam um trabalho de autoconhecimento, de autoconstrução. Precisamos de um acompanhamento, de uma reflexão sobre a profissão, desde o primeiro dia de aulas na universidade, que também ajudam a combater os fenômenos de evasão e, mais tarde, de “desmoralização” e de “mal-estar” dos professores (NÓVOA, 2017, 1121).

Para o autor, tornar-se professor é transformar uma predisposição numa disposição pessoal, estabelecendo uma relação com minha trajetória profissional, confesso que não queria ser professora. No entanto, tive que firmar a posição de professora como profissão, passando por muitas transformações interior e exterior, nas práticas de sala de aula, no convívio com os alunos, buscando sempre ajudá-los, na própria formação.

Figura 01 – Professora como profissão



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

Lembro-me perfeitamente que neste dia, estava dando aula de matemática, relacionando com o tema Natal, nesta aula empolgada, utilizei as folhas do açaizeiro para fazer a árvore, pendurei os balões... dentro de uma caixa haviam as cores, e dentro dos balões as operações, conforme os alunos retiravam as cores, iam e estouravam os balões, e depois faziam a leitura em voz altas das operações, quando não conseguiam eu ajudava-os, foi uma aula emocionante (Loureiro, julho de 2019).

O professor além da missão de ensinar, precisa entender a realidade dos alunos, buscando compreender as dificuldades apresentadas. Levando em consideração que o profissional está envolvido pelas teias de um sistema educacional, porém, tendo como pano de fundo as inúmeras realidades socioculturais espalhadas pelo Brasil, e o mesmo precisa dar conta de todas essas diversidades que muitas das vezes desanima o professor, pois as dificuldades são tantas que parece impossível desenvolver a educação.

Particularmente, a minha relação com a profissão docente foi sendo construída a cada dia, cativada, transformando-se em uma paixão. Na verdade, as crianças mudaram algo em mim, algo inexplicável, e se tivesse a oportunidade de retornar a primeira escola em que trabalhei eu retornaria, também para fazer a diferença e transformar a realidade de outras gerações, digamos assim este foi o primeiro amor com a profissão.

Hoje, tenho a convicção de que estou no caminho certo e quero continuar sendo professora, me encontrei na sala de aula apesar das dificuldades enfrentadas, a educação transforma a vida da pessoa e as pessoas transformam o mundo.

3 EXERCÍCIO DA MEMÓRIA: EVENTOS E ACONTECIMENTOS

A memória não é linear. Porém, no garimpo das memórias precisamos garimpar as pedras preciosas, que são neste trabalho aquelas lembranças, experiências vividas, que fizeram e fazem sentidos, que me ajudam a compreender o presente e refletir sobre o futuro.

Aprendi a ler com a minha irmã, que era bem rígida comigo e até torcia minha orelha, quando não queria estudar e não prestava atenção no que ela estava me ensinando, depois dizia que a professora dela também fazia isso com seus alunos, contudo minha mãe não reclamava do jeito que ela me ensinava e dizia que era muito importante que já fôssemos para a escola sabendo alguma coisa, para que não déssemos tanto trabalho para a professora (Loureiro, abril, 2019).

Meu processo de escolarização, teve uma relação indireta com a educação tradicional, tecnicista. Pois, no processo de ensino aprendizagem, minha irmã apenas reproduzia os conhecimentos e práticas, suas vivências na escola com a professora. Uma educação tradicional, na família com aplicação de castigos.

A narrativa que se segue expressa meus primeiros contatos com os processos de escolarização, com a escrita, com o ensino e aprendizagem, principalmente as práticas e metodologias que eram utilizados.

Eu usava um livro que era da primeira série e havia guardado e que inclusive a professora ainda usava com os alunos que iam entrando na escola, copiava os trabalhos que a professora passava no quadro para as crianças de primeira e segunda série e levava para passar no caderno da Priscila. Eu ficava prestando atenção de como a professora fazia para ensinar os alunos lerem para fazer igual com ela e com isso conseguir ensinar (Antônia, abril, 2019).

Contar história é um ato que possibilita o resgate e o exercício da memória. Contar uma história é uma experiência de interação com outras pessoas sejam elas crianças, jovens, adultos ou idosos, o que possibilita uma troca de saberes entre a pessoa que conta e as que ouvem.

Segundo Bragança (2012, p.110) “os processos educativos constituem práticas sociais, a formação é interior e se liga à experiência do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento”. Noutras palavras estar no mundo, com as pessoas e a natureza, abri caminhos para a transformação e ao mesmo tempo se projeta nas relações do sujeito, uma relação entre o eu e o outro, Bragança (2012).

3.1 Infância e processo de escolarização

De uma infância recheada de elementos, onde bem cedo precisei lutar pela própria sobrevivência, com a falta de uma mãe presente, que infelizmente naquela época, necessitou sair de casa por motivos de saúde, para a capital Belém do estado do Pará. No entanto, na ausência materna, ficamos sob os cuidados de uma tia, a qual passei a enxergá-la como mãe.

Quando minha mãe retornou ao lar, estava para completar sete anos de idade e já iria começar a estudar, então a mesma pedia para minha irmã mais velha me ensinar a ler, tinha doze anos, pois naquela época não tinha educação infantil e quando as crianças entravam na escola era direto na primeira série do ensino fundamental. Assim, comecei a realizar as atividades escolares em casa, pois, meu processo de escolarização, teve início na família, com minha irmã, como bem relatado anteriormente.

No período dos meus sete aos doze anos de idade lembro que brincava muito com os meus amigos, brincávamos de todas as brincadeiras possíveis, posso dizer que tive uma infância muito divertida, as brincadeiras que mais gostávamos era de pira alta, pira se esconde, tiroteio, polícia e ladrão, pula corda, amarelinha, cantigas de roda e muitas outras, mas a que eu mais gostava e continuo gostando é de jogar bola, como representada na imagem que se segue.

Figura 02 – Uma paixão, jogar bola



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

Antigamente, minha mãe falava:

Essas molecas são tudo macho e fêmea, só querem brincar brincadeiras que é de menino (Leci, abril, 2019).

Segundo Louro (1997) por meio de múltiplos discursos, caracterizam o mundo doméstico, como verdadeiro universo da mulher, a esfera do privado. Minha mãe nos chamava de macho e fêmea porque na nossa realidade é uma brincadeira de menino, para eles a bola e para nós meninas e mulheres a boneca e a casa para cuidar.

Meu pai era brincalhão, mandou fazer um campo no lado de casa, era muito divertido, as vezes até ele jogava bola com nós, quando a maré¹ crescia, cobrindo a terra era uma tristeza só, pois nosso campo ficava lamacento² e sujo de lixo, e a única opção que tínhamos seria jogar bola dentro de uma sede³ de fazer festas que ficava do lado de casa.

O dono morava em outro local, mas ficava sob a vigilância de um senhor e quando escutava as boladas nas paredes lá vinha nos expulsar, então nós saíamos correndo, aquilo para nós era uma aventura, tudo muito divertido, fazíamos caçoadas do jeito dele vir correndo atrás de nós com vassouras de açai para nos bater, mas teve uma tarde que ele nos fez chorar, pois conseguiu pegar nossa bola e cortou. Ah! são histórias de minha infância, que saudades.

Aos sete anos comecei a estudar na Escola São Benedito da Barra, que tinha sua estrutura em alvenaria com duas salas, dois banheiros um masculino e um feminino, uma ponte de madeira com duas escadas uma do lado direito e outra do lado esquerdo, para os alunos deixarem suas embarcações. Na escola não havia cozinha e as refeições dos alunos eram feitas na casa da funcionária, que ficava as proximidades da escola, nessa escola cursei a primeira e segunda série.

Minha primeira professora era minha tia. Naquela época o ensino era multisseriado, as aulas eram dadas de primeira à quarta série, em uma única sala, com apenas uma professora.

Sobre turmas multissériadas Oliveira e Oliveira (2015, p.225) afirmam;

Sabemos que multissérie é uma modalidade de ensino presente na realidade do campo brasileiro. Para compreendermos melhor como estão organizadas essas classes, é importante analisar como se define essa forma de organização do ensino e do trabalho pedagógico e a forma como se dá o agrupamento dos alunos em diferentes níveis de aprendizagem e idades.

¹ Água do rio.

² Relativo a lama, cheio de lama.

³ Salão de festa.

Hoje depois de tudo que já estudei e a experiência que já tenho de ter trabalhado tanto com turma multissériada como com turma de um nível só de série e idade, fico pensando em como era grande a dificuldade para essa minha primeira professora planejar as aulas e manter a classe organizada para que conseguisse repassar conhecimento, nas comunidades mais distantes do nosso município ainda existem as classes multisseriadas.

De acordo com Oliveira e Oliveira (2015, p. 225);

Em uma mesma classe são encontrados alunos com diferentes idades e diferentes etapas de escolaridade. Essa organização escolar traz maior dificuldade para o planejamento dos professores, o que tange ao processo de ensino-aprendizagem, pois exige a elaboração de estratégias variadas, para atender não apenas as diferentes necessidades de conteúdos, como também a grande variação de interesses e modos de interação resultantes das diferenças de faixas etárias dos alunos. No entanto, é um modelo que possibilita que pequenas comunidades rurais, com poucas crianças, não tenham que se deslocar para regiões mais distantes.

Com Oliveira e Oliveira, lembro-me de minha professora de multisseriado, uma professora muito rígida, mas vejo que era necessário, pois precisava controlar pelo menos uns quarenta e cinco alunos de idades diferentes e os mesmos não tinham um bom comportamento. Apesar de ser bem rígida a professora era muito boa no processo de ensinar, lembro-me que:

A professora já trazia as atividades a serem passadas em um caderno e trabalhava de forma diferenciada entre as séries, ela dividia o quadro, de um lado passava atividades para os alunos da primeira e segunda série e no outro lado as atividades era para os alunos da terceira e quarta série, antes da saída fazíamos leitura na mesa dela, os alunos que já sabiam ler faziam leitura para todos os colegas ouvirem e tinha que ser em tom de voz alto pra que todos escutassem (Loureiro, abril, 2019).

Quanto ao disciplinamento dos corpos na sala de aula, Louro (1997, p. 61) afirma “gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos”. E os professores também incorporam certos comportamentos e posturas, até mesmo a elevação do tom de voz alto para que todos escutem.

A primeira professora contribuiu muito para minha vida estudantil e com ela pude também melhorar meu comportamento, pois era uma criança bem levada, apesar das dificuldades que enfrentei para aprender em uma turma multisseriada, consegui aprender e inclusive essa experiência de estudar em uma turma com alunos de idades e séries diferentes, me ajudou no início da minha vida profissional, pois quando comecei a trabalhar foi em uma turma multisseriada com alunos de terceiro, quarto e quinto ano. A experiência do passado contribuiu significativamente com a profissão, “ser uma professora”.

Para chegar até a escola, eu e meus primos (as) íamos uma parte por terra e ainda tínhamos que atravessar uma ponte por cima de um igarapé. Como éramos um grupo de crianças de idades diferentes, surgiam muitas ideias e quando não queríamos estudar, teve uma vez que tivemos a ideia de jogar a ponte para que não conseguíssemos atravessar, voltamos pra casa, quando minha mãe descobriu o que fizemos brigou muito e fez prometermos que não iríamos fazer mais isso. Este era caminho para a escola!

3.1.1 O Ensino Fundamental I

No ano de 2000 as escolas pequenas foram anexadas à Belmiro Monteiro Lopes, sua estrutura era em madeira com oito salas, copa, diretoria e três banheiros sendo um masculino, um feminino e um destinado aos funcionários, as aulas passaram a serem dadas por séries separadas com um professor por turma e funcionava no horário da manhã e tarde, nessa escola estudei até oitava série.

Os alunos chegavam até a escola nos transportes escolares que eram disponibilizados pela prefeitura, no total eram cinco lanchas de madeira com motores, eu ia com minha mãe no barco dela, já que ela trabalhava como serviços gerais e precisava cumprir horário até às treze horas e como a saída dos alunos era as onze e trinta não tinha possibilidade dela ir no transporte escolar.

No início essa mudança de escola me deixou apreensiva, pensei que não iria me acostumar em uma sala de aula separada das minhas irmãs, dos meus primos e dos meus amigos, mas com o tempo me adaptei construí novas amizades e consegui aprender muitas coisas com mais facilidade, uma vez que as turmas tinham em média trinta alunos e também tinha a facilidade de serem de um mesmo nível de série.

Na terceira série estudei com uma professora muito calma, tinha uma voz baixa e acredito que por isso os alunos faziam muita bagunça e não a respeitavam muito, mas ainda assim aprendi muito com ela. Antes de começar as aulas a professora fazia a oração do pai nosso e cantava uma musiquinha, copiava as atividades no quadro, utilizava os livros e passava trabalhos para casa.

A quarta série estudei com outra professora, ela era baixinha e bem magrinha, contudo tinha um jeito bem rígido e conseguia controlar a turma e sabia repassar muito bem os conteúdos, a admirava pelo jeito de falar conjugando muito bem os verbos e isso me ajudou a melhorar muito meu vocabulário, levava as aulas organizadas em um caderno, fazíamos leitura

na frente de todos os colegas, escrevia muito no quadro e ainda passava cópia para fazer em casa.

Ao concluir meu ensino fundamental I, me sentia preparada para entrar no ensino fundamental II, pois já escrevia e interpretava textos muito bem, mas também gostava muito de matemática, posso dizer que todas as mudanças e professores contribuíram positivamente para meu aprendizado.

3.1.2 O Ensino Fundamental II

A quinta e a sexta série estudei na forma de ensino modular, no qual os professores eram de Belém ou Abaetetuba e estudávamos uma disciplina por mês, estes traziam os assuntos a serem trabalhados em apostilas, explicavam os conteúdos e em cada semana fazíamos uma prova para finalizar o mês com as quatro avaliações.

Para ser sincera não gostei de estudar na forma modular, posso dizer que não conseguia assimilar muito bem os conteúdos devido as disciplinas serem ministradas em um curto período, isso sobrecarregava os alunos e ainda havia o problema que os professores não tinham uma boa formação para dar aula, tanto que sempre pediam que fizéssemos pesquisas como se quisessem que os alunos aprendessem por si só.

As séries sétima e oitava estudei na forma de ensino regular com aulas ministradas por um professor por disciplinas e cada aula tinha a duração de 45 minutos, assim pude ter um aprendizado melhor, pois não ocorria mais a correria com as aulas de quando era o sistema modular alguns já tinham formação superior e os que não tinham dominavam bem os conteúdos e sabiam explicar, eles eram bem rígidos, utilizavam o método tradicional para ensinar, davam suas aulas por meio de livros, apostilas e por meio da escrita no quadro aprendi muito com cada um deles.

Quando concluí meu ensino fundamental II, apesar de todos os pontos negativos que passei ao estudar a quinta e sexta série de forma modular, posso dizer estudar a sétima e oitava série de forma regular me ajudou à superar as dificuldades e lacunas do aprendizado deixadas nas duas séries citadas acima, com isso pude me sentir segura para iniciar meus estudos no Ensino Médio.

A partir dos meus 12 anos, meus pais começaram a me privar das brincadeiras e passando a ficar mais tempo em casa, pois eles entendiam que eu não tinha mais idade para estar só brincando, que já estava na hora de começar a aprender alguns afazeres domésticos que uma mulher deveria saber. De acordo com Louro (1997, p. 24) “através do aprendizado de

papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas”, precisava aprender os conhecimentos que serviriam para a minha vida.

3.1.3 O Ensino Médio

Para cursar o Ensino Médio precisei ir para a cidade, pois na escola que cursei meu ensino fundamental II não havia sido implantado ainda. Nos três primeiros meses ia no transporte escolar, saía de casa às dez e trinta, o barco levava os alunos até o porto Mocajatuba e de lá cada um pegava suas bicicletas ou carona com alguém para chegar até ao Colégio Estadual de Ensino Médio Doutor Sérgio Mota. No meu aniversário de quinze anos ganhei uma bicicleta para que pudesse fazer o trajeto da escola.

Esse trajeto era muito cansativo, saía por volta das 10:30 minutos da manhã de casa e chegava só por volta das oito da noite, foi então que minha mãe viu que isso ia me prejudicar e decidiu me colocar para morar na casa da minha tia, ficava de segunda a sexta-feira na cidade e ia passar o final de semana no sítio, fiquei morando com essa tia durante os três anos que estava cursando o ensino médio.

Estudei o primeiro e o segundo ano no horário da tarde e o terceiro de manhã. As turmas eram lotadas com mais ou menos uns quarenta e cinco alunos em cada sala. Os professores eram muito bons para ensinar, eram formados em suas áreas e tinham muita experiência, as disciplinas que mais tive dificuldade para aprender foram física e química, posso dizer que aprendi o básico, achava as disciplinas muito complexas.

Aos 16 anos e cursando o segundo ano do ensino médio, conheci meu namorado que hoje é meu esposo, o mesmo sempre morou na sede do município, mas trabalhava como professor no interior em uma localidade chamada Ilha Jupatituba, lugar que está localizada a escola que iniciei minha carreira como professora.

Com 17 anos no ano de 2008 concluí o ensino médio. Me sentia preparada para iniciar um novo curso, sonhava em fazer o curso técnico de enfermagem, tanto que logo no mês de janeiro de 2009 iniciei os estudos no curso, as aulas aconteciam em dois finais de semana de cada mês pela instituição chamada FACETE (Faculdade de Educação Tecnológica do Pará), mas com o tempo os alunos descobriram que o curso não era credenciado pelo MEC (Ministério da Educação). Passei dois anos cursando o curso técnico de enfermagem, mas infelizmente pagando por um curso que não valeu apenas, porém em fevereiro de 2010 recebi um convite para ser professora do ensino fundamental na escola Flor Hortência, situada na Ilha Jupatituba.

Na próxima seção, tratarei das primeiras experiências o *Tornar-se Professora*, juntamente com a formação no ensino superior.

4 TORNAR-SE PROFESSORA: AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Logo de início fiquei apreensiva, achava que não iria gostar devido não ter nenhuma experiência na área da educação, mas aceitei o convite em trabalhar como professora na escola Flor Hortência. Assim iniciei minha carreira como professora. No trabalho docente utilizei a experiência de estudante, buscando lembrar os métodos que meus professores utilizavam para ministrar suas aulas e como faziam para controlar as turmas e transmitir o ensino de maneira adequada, minhas experiência de alunado contribuíram neste processo de formação.

Figura 03 – Escola Flor Hortência



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

Confesso que a princípio foi complicado, pois não tinha experiência de professor, mas com o passar do tempo fui me adaptando e conseguindo levar um bom ensino para os meus alunos de acordo com seus níveis de aprendizado. Adaptava as atividades para as crianças do 3º e 4º ano conciliando, e para do 5º ano realizava atividades com o seu nível de ensino. Dividia o quadro ao meio, de um lado ficava as os conteúdos para o 3º e 4º ano, no outro lado era destinado para o 5ºano, além de livros didáticos, buscava sempre trabalhar de forma que as crianças gostassem e se sentissem a vontade para aprender.

Acredito que contribuí muito com o aprendizado desses alunos, tanto que atualmente já tem alunos da época que são professores nessa localidade, isso é possível devido alguns desses

alunos terem cursado o ensino médio por meio do Sistema CDC (é um sistema que conclui o ensino médio em um ano e seis meses) com isso fizeram faculdade particular e já estão até mesmo concluindo o nível superior.

Com 18 anos fui morar na cidade, justamente na casa da mãe do meu namorado, foi quando passamos a morar juntos e começamos uma nova fase em nossa vida, sendo considerada uma vida de casal.

No dia 11 de março de 2013, nasceu meu filho, posso dizer que foi o dia mais feliz da minha vida, senti uma emoção muito grande! nunca imaginei que pudesse gerar um ser que iria mudar completamente minha vida, pois teria que mudar minha rotina, ter mais responsabilidade para cria-lo e educá-lo (Loureiro, abril, 2019).

Garimpendo em minhas memórias, em um passado/presente, acabei revivendo acontecimentos que afetam as emoções, meus sentimentos, causando a alegria e a dor de reviver, lembrar nascimentos e as perdas familiares, que marcam nossas vidas. As voltas ao passado em um presente são constantes, e é aceitável que às vezes as memórias possam se embaralhar. Afinal, estamos tratando de memórias, que fazem parte da história de uma professora.

Figura 04 – Classes Multisseriadas.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

A fotografia acima são as memórias que tenho guardadas dos anos de 2011 e 2012 foram marcados pelas classes multisseriadas, no horário do turno da manhã e no turno da tarde, ministrava as disciplinas de Ciências, Educação Física e Educação Artística.

Minha carga horária aumentou e o trabalho também conseqüentemente, as aulas dessas disciplinas eram planejadas utilizando os livros de cada série, seguindo a grade curricular, nas tardes que a maré estava baixa na praia fazíamos educação física na prática, como representada na fotografia abaixo.

Figura 05 – Atividades de Educação Física na praia



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

No ano de 2012 já estava grávida e para chegar até a localidade da escola é realmente perigoso, devido ter que atravessar uma baía, com muita maresia, e por esse motivo no início de 2013, eu e meu esposo pedimos ao prefeito Sérgio Murilo dos Santos Guimarães da época uma possível transferência, pois não podia pôr em risco a vida do meu filho. Nosso pedido foi atendido e fomos transferidos para a escola Belmiro Monteiro Lopes, por coincidência do destino, a escola que estudei, de aluna para professora.

Trabalhei durante um período, depois tirei licença a maternidade. Após o término da minha licença, no mês de setembro de 2013 voltei a trabalhar novamente, agora lotada em uma

turma de 5º ano e em 2014 fui lotada com uma turma de 2º ano, a vida de professor é assim mesmo, de muito esforço e dedicação.

Em 2015 recebi uma proposta para trabalhar na escola Doutor José Malcher, na zona urbana do município Muaná, aceitei sem pensar duas vezes, pois era um sonho a ser realizado poder trabalhar e voltar para minha casa, pois todas as vezes ministrei aulas para o interior e só retornava aos finais de semana. Dessa vez, trabalhei com uma turma do 2º ano e em 2016 fiquei em uma turma de 1º ano.

Essa oportunidade de trabalhar em uma escola na sede do município foi de grande valia e me deu muito mais segurança. Uma escola bastante organizada, a gestão estava presente, os professores com muitas experiências na profissão, a coordenadora fazia as horas pedagógicas e nas sextas-feiras os professores de cada turma se reuniam para o planejamento de suas respectivas aulas, tudo de acordo com a realidade e necessidades da aprendizagem dos alunos.

Nos anos de 2017 e 2018 não fui mais chamada para trabalhar, mas ainda assim posso afirmar que ser docente durante esses sete anos foi muito gratificante, pois durante esse tempo que atuei como professora, posso dizer que aperfeiçoei minha prática, e também como pessoa. Na sala de aula, buscava sempre levar o conhecimento da melhor forma possível para todas as crianças, estabelecendo o diálogo entre a realidade e dificuldades de cada um.

Para fazer os alunos participarem das aulas, fazia atividades que envolvessem todos, contava histórias e pedia ajuda deles, cantava musiquinhas, fazia apresentações incentivando-os sempre a terem curiosidades e estímulo para aprenderem, sempre buscava estar conversando com outros professores. O planejamento das aulas buscava sempre fazer e para isso levava muito em consideração a realidade local e de cada criança, realizava pesquisas em livros e quando vinha nos finais de semana para minha casa na cidade fazia pesquisas de atividades na internet, atualizando meus conhecimentos e formas de ensinar.

4.1 Acesso à Universidade

O trabalho como professora me proporcionou uma grande oportunidade em minha vida que foi de cursar o nível superior. No ano de 2012 foi realizado o meu cadastro no senso escolar com isso fui inscrita na Plataforma Freire, e no ano de 2014 recebi a notícia que havia sido selecionada para cursar Pedagogia da Universidade Federal do Pará, no município de Muaná. Foi uma notícia maravilhosa, pois não acreditava que entre tantos inscritos poderia ser selecionada, por isso agradeço todos os dias a Deus por essa oportunidade.

Em janeiro de 2015 estava marcado no calendário para iniciarmos nossos estudos, mas devido à falta de recursos financeiros para as universidades, as aulas foram suspensas para julho deste mesmo ano, mas novamente as aulas não começaram, tivemos apenas a aula inaugural no dia 30 de julho com a presença da Coordenadora do Curso de Pedagogia Ludetana Araújo, a professora Isabel Colares secretária do Parfor-UFPA e a professora Josenilda Maués Coordenadora adjunta do PARFOR.

A oportunidade de cursar Pedagogia pela UFPA, garantiu um leque de conhecimentos com as disciplinas e professores que estudei, pude rever a forma do meu trabalho como docente. A graduação nos possibilita muitos caminhos.

Quando comecei atuar como professora só tinha o nível médio completo, então com a oportunidade de cursar a graduação em pedagogia, pude estabelecer um elo entre teoria e prática, pois geralmente quando ingressamos em uma carreira temos a teoria e não a prática, no meu caso a prática veio primeiro que a teoria, então os estudos me ajudaram a entender e aprimorar ainda mais minha prática em sala de aula.

A graduação me possibilitou um crescimento não só profissional, mas também pessoal, uma vez que ajudou-me a compreender ainda mais o processo de ensino-aprendizagem. Todas as disciplinas e teorias estudadas possibilitaram um melhor entendimento sobre o processo de assimilação do conhecimento, com isso, aprendi que cada criança pode aprender e ter habilidades diferente das outras, e que nós como professores temos que respeitar e sempre estar buscando métodos para que cada educando aprenda da melhor forma possível.

Para Nóvoa (2017) a formação de professores deve criar condições para uma possível renovação, recomposição do próprio trabalho pedagógico, tanto no plano individual quanto no coletivo. Entretanto é necessário que os professores realizem estudos das realidades escolares e do trabalho docente. Dando sentido a uma reflexão profissional, através da análise sistemática do trabalho pedagógico, em colaboração com a escola.

Nessa caminhada de formação percebo que é fundamental, o conhecimento, a educação, para um bom desenvolvimento do aprendiz.

Fico pensando de quando era aluna do ensino fundamental II e do ensino médio, quantas vezes tinha algo a falar ou até questionar, e não tinha uma chance sequer para isso acontecer. Era professor ali na frente autoritário, como o detentor do saber, e nós alunos ali um atrás do outro só copiando coisas que não tinham muitas das vezes nem importância, naquele momento para o aprendiz, pois, o que faltava era diálogo entre professores e alunos, para que houvesse troca de saber (Loureiro, abril, 2019).

Quando ingressamos em uma carreira profissional nem sempre pode ser aquilo que almejamos para nosso futuro, mas as circunstâncias da vida nos levam a aceitarmos as oportunidades que jamais imaginávamos seguir.

A busca por uma qualidade de vida, pode nos levar a ingressar no mercado de trabalho muito cedo e em uma profissão sem experiência alguma, ou até mesmo sem ter apreço, porém, com o passar do tempo, passamos a gostar e com o conhecimento podemos mudar aquela velha opinião formada, se esforçando a cada dia.

Lançar-se então à escrita de um Memorial de formação através do qual temos a oportunidade de registrarmos e refazermos um percurso específico de nossa vida _ nossa formação escolar-acadêmica e profissional _ pode ser talvez uma maneira de divisarmos outros finais para a história que está em seu pleno transcurso... (GUEDES-PINTO, 2019, p.03).

Para escolher uma profissão não é nada fácil, muitas dúvidas e indagações surgem em nossa mente. Nos preocupamos se vamos gostar ou não, se seremos felizes, nos preocupamos com o salário, são tantas as situações que geram medos ao ingressar em uma profissão que precisamos ter autoconfiança para continuar.

Outra preocupação que lembro que passei, quando fui convidada por um amigo para trabalhar como professora era se conseguiria, ser capaz de ser professora. Uma vez que não tinha nenhuma experiência e não me identificava com a profissão, tanto que na época estava cursando técnico de enfermagem, curso totalmente distante da área de educação básica, como citado em trechos anteriores. Mas aceitei o convite e utilizei minha experiência de estudante como *ponta pé inicial*.

Nóvoa (1989, p. 38) argumenta que:

O desenvolvimento de uma carreira é, assim um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas, para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque, descontinuidade. O fato de encontrarmos sequências-tipo não impede que muitas pessoas nunca deixem de praticar a exploração, ou que nunca estabilizem por razões de ordem psicológica (tomada de consciência, mudança de interesses ou de valores) ou exteriores (acidentes, alterações políticas, crise econômica).

Entende-se com as palavras de Nóvoa que o desenvolvimento de uma boa carreira está relacionado aos empreendimentos e as investidas que se faz nela, para sermos bons profissionais, são necessárias que se faça a reconstrução do ser pessoal e profissional em busca da melhoria do próprio modo de ser e agir, é preciso que se analise e pense na realidade dos seres que estão envolvidos no desenvolvimento do nosso trabalho.

Quando valorizamos o que fazemos, sempre estamos dispostos a fazer mudanças que venham aprimorar positivamente nossa carreira e por mais que essas mudanças venham causar uma reviravolta na forma que já estamos acostumados a trabalhar é fundamental transformarmos, reinventarmos nossos métodos de ensino, valorizando o bom desenvolvimento do nosso trabalho, além da valorização da profissão perante a qual fazemos parte e estamos formando.

Sobre mudanças na forma de ensinar lembro-me de quando trabalhava na escola Flor Hortência e de quando chegava o período da pesca do peixe Mapará, onde os alunos maiores com idade entre 13 e 15 anos, precisavam deslocar-se com os pais para o município de Limoeiro do Ajuru para pescar e passavam a semana toda. Nós como professores não podíamos dizer que não fossem, pois era o meio de sustento da família deles, então o que fazíamos para que esses alunos não perdessem as atividades e desistissem dos estudos, mudávamos o planejamento escolar.

Como erámos quatro professores, dois ficavam em um final de semana e no outro os outros dois ficavam para ministrar as aulas perdidas por esses alunos e assim eles conseguiam recuperar as aulas do período que estavam ausentes. Hoje, vejo que essa mudança foi essencial para esses alunos, pois se não fosse isso, os mesmos provavelmente teriam desistido dos estudos. Atualmente temos alunos formados, inclusive um já é professor na mesma localidade e cursando o PARFOR, isso é muito gratificante.

As vezes as cobranças são tantas, que pensamos que não vamos conseguir acompanhar as mudanças exigidas para desenvolver determinado trabalho, pensamos até em desistir e nos encontramos em becos sem saída, e neste momento é necessário fazermos mudanças.

Ao escrever parte de minha história de vida, por meio dos lampejos das memórias, pude compreender que os memoriais são um estudo que tem como objetivo relatar a vida das pessoas e história de vida. Este torna-se um importante instrumento usado para registrar a memória de seus autores no cenário do ensino superior, os educadores e educandos atualizam em tempo real as suas conquistas e dificuldades. Acredito que o memorial deveria ser utilizado também com alunos do ensino fundamental e médio, pois os mesmos iriam poder descrever sua história de vida e o que almejam para o futuro, podendo assim rever até mesmo sua forma de comportamento em sociedade.

A história de vida ajuda na reconstrução da identidade, contribuindo assim na compreensão do processo da identidade dos professores, à medida que o professor toma contato com sua própria história, com sua identidade profissional através dos caminhos trilhados, o mesmo pode reconstruí-la conforme houver necessidade e de acordo com o que aprendeu no

processo da escolarização. Nesse mesmo sentido, Pineau e Le Grand (1993, p. 18, apud Bragança, 2012) afirmam que “é na formação de adultos que a história da vida se desenvolve, desde os anos 1980, como perspectiva de pesquisa e prática de formação, buscando sempre uma articulação entre teoria e prática”.

Finalizando, percebo que o memorial revela-se uma ferramenta para o professor pesquisador, pois o mesmo inicia sua pesquisa partindo de sua própria história de vida, usando-a como linha de pesquisa, refletindo e descrevendo sua trajetória como um educador reflexível e atuante em sua prática pedagógica e ao escrever, o professor relembra, revive suas ações, eventos e acontecimentos do passado que foram significativos, que constituíram como professor ou professora, incentivando a pensar e repensar a formação e à docência.

5 CONCLUSÃO

Escrever este memorial me proporcionou uma viagem em minha história de vida, posso dizer, que foi uma experiência muito significativa. Resgatar da memória, momentos que foram importantes e essenciais para que me tornasse a pessoa que sou, com esta escritura pude reconhecer que tenho uma história e que pode ser apreciada por outras pessoas. Tracei rotas entre o passado e o presente, momentos jamais esquecidos que foram vivenciados em diferentes situações e em várias etapas da minha vida, experiências marcantes em minha trajetória acadêmica e profissional, contextualizando as categorias de memória, história de vida e formação de professores.

No entanto, foram muitos os caminhos trilhados, alguns desses ousados e arriscados, como o convite que aceitei para ser professora sem ter experiência alguma, mas em nenhum momento me arrependo, muito pelo contrário, foi um movimento de transformação necessário para me encontrar diante a tantas profissões, encontrei a de professora. Profissão que proporcionou um crescimento pessoal e profissional, tecida pelas dificuldades, reinventando uma outra versão de mim mesma, mais forte e determinada para enfrentar os diversos desafios da profissão e da vida.

A escrita desse memorial possibilitou-me documentar de forma descritiva e reflexiva as memórias e fatos que fizeram sentido em minha vida, uma espécie de seleção das experiências e acontecimentos que marcaram a minha história de vida, constituindo-me como professora. Este movimento de leitura, escrita e pesquisa tornou-se um desafio gratificante, pois precisei rememorar meu passado trazendo à tona acontecimentos que estavam guardados em minha memória na zona do esquecimento.

Sei que ainda não atingi tudo o que desejo, mas sinto-me muito feliz com o que já conquistei até aqui, meu desejo é que as pessoas que tenham a possibilidade de ler essa escritura possam se sentir motivadas para continuar na busca de realizações de novas conquistas e objetivos de vida, espero também que este memorial sirva como uma forma de contribuição para aqueles que querem entender sobre o processo de formação baseado nas vivências de uma acadêmica que passou por muitos desafios.

Enfim, revivi fragmentos das memórias da minha infância, do processo de escolarização e da docência, sorrir, me emocionei, e hoje tenho a convicção que estou na profissão certa, que esse período de estudos no curso de Pedagogia que durou quatro anos, foi só mais uma etapa vencida, pois um profissional da educação tem desafios diários, mas ainda assim não se pode jamais pensar em desistir, e sigo em frente sonhando e trilhando novos caminhos.

REFERÊNCIAS

- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos, entre Brasil e Portugal.** Rio de Janeiro. EdUERJ, 2012, p. 314, p.
- CANDAU, Joel. **A memória e o princípio de perda.** Diálogos (Maringá. Online), v.16, n. 3, p. 843-872, set-dez.2012. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01756544/document>> . Acesso em: abr. 2019.
- GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Memorial de formação- resgistro de um percurso.** 2019. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais14.pdf> Acesso em: abr. 2019.
- JOSSO, Marie Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Educação. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set/dez, 2007.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução: Bernardo Leitão [et al]. Campinas, São Paulo, editora da UNICAMP, 1990. 476 p. (Coleção Repertório).
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.
- NÓVOA, António. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. Cadernos de pesquisa.** V. 47, n. 166, p. 1106 – 1133, out./dez. 2017.
- NÓVOA, António; HUBERMAN, Michael; GOODSON, Ivor F., HOLLY, Mary Louise; MOTA, Maria da Conceição; GONÇALVES, José Alberto M., FONTOURA, Maria Madalena; BEM-PERETZ, Miriam. **Vidas de professores.** Porto Editora, 1989.
- OLIVEIRA, Mara Rita Duarte de; OLIVEIRA, Nazareno do Socorro da Silva. **Classes Multisseriadas: práticas, memórias e formação docente.** In: Margens_Revista Interdisciplinar da Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação/Campus Universitário de Abaetetuba/Baixo Tocantins/UFPA – V.8, n.12 (jun/2015), Abaetetuba/PA: UFPA, 2015.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação – Quando as memórias narram a história da formação....** 2019. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf> Acesso em: abr. 2019.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Memorial. In: **Metodologia do trabalho científico.** 20ª Ed. São Paulo, Cortez, 1997. Disponível em: <http://educacao.uniso.br/pseletivo/downloads/MEMORIAL_Doutorado.pdf> Acesso em: abr. 2019.